

A oferta da janela de Libras com múltiplos tradutores na obra fílmica “A Hora da Estrela” – uma análise a partir da Gramática do Design Visual

The provision of the Libras screen with multiple translators in the film
"hour of the star" – an analysis based on the Grammar of Visual
Design

Karina de Souza Borges Lima¹
Márcia Monteiro Carvalho²

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise da Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS) através da janela de Libras com múltiplos tradutores no filme *A Hora da Estrela*. Adotamos a perspectiva teórico-metodológica da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006) que realiza uma interlocução com o conceito de multimodalidade. A análise das categorias a) semelhança física entre tradutor e personagem; b) indumentária dos tradutores revelou que a escolha por tradutores de mesmo gênero é positiva na espectação, já a falta de semelhança física e o uso de camisetas coloridas, sem vínculo estético com o figurino, podem gerar ruído à obra.

Palavras-chave: Tradução Audiovisual Acessível; janela de Libras; gênero fílmico; Gramática do Design Visual.

Abstract: In this paper, we present an analysis of Sign Language Audiovisual Translation (SLAT) through the Libras screen with multiple translators in the Brazilian film *Hour of the Star* (*A Hora da Estrela*, 1985). We adopt the theoretical-methodological perspective of the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, 2006), which establishes an interlocution with the concept of multimodality. The analysis of the categories: a) physical similarity between translator and character; and b) translator's clothing revealed that opting for translators of the same gender is positive for the spectator, while the lack of physical similarity and the use of colorful shirts, without aesthetic link with the costume, can generate noise to the work.

Keywords: Accessible Audiovisual Translation; Libras screen; film genre; Grammar of Visual Design.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: karinaborgestutoria@hotmail.com.

² Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências da Linguagem, Abaetetuba, PA; Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: mmcarvalho@ufpa.br.

Introdução

Algumas pesquisas passaram a incluir a Tradução e Interpretação de Língua de Sinais na grande área de Tradução Audiovisual (TAV), mais especificamente no contexto da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), entendendo que esta mobiliza “línguas e culturas em plataformas multimodais audiovisuais” (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019). Essa nova concepção aparece na publicação do *Guia de Produções Audiovisuais Acessíveis* que menciona a janela de Libras como uma modalidade³ da TAVa (NAVES *et al.*, 2016) e nas publicações de Spolidorio (2017) e Nascimento (2017). Nascimento e Nogueira (2019) propõem uma nova terminologia para a janela de Libras, focando não apenas na oferta de tradução através da janela de Libras, como também no processo por detrás desse produto – denominando-a Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS).

Assim, este artigo tem como objetivo realizar uma análise preliminar desta forma de oferta específica de TALS – a janela com múltiplos tradutores (NASCIMENTO *et al.*, 2019) no contexto da obra fílmica *A Hora da Estrela*. A janela de Libras foi produzida e disponibilizada em filme pela empresa *Filmes que voam*. A análise é realizada com base nos parâmetros da Gramática do Design Visual (GDV), através da metafunção *representacional e interacional*, e pretende apontar as principais características da janela de Libras utilizada na obra abrindo caminhos para futuras pesquisas envolvendo a recepção de usuários a essa modalidade.

Perspectivas teóricas

Partindo dos elementos linguísticos, intersemióticos e funcionais da janela, podemos situá-la no campo da Gramática do Design Visual, teoria advinda da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), em uma interlocução com o conceito de multimodalidade. Além da perspectiva linguística, alocamos a janela de Libras dentro da perspectiva de tradução intersemiótica de Jakobson (1972).

³ Neste artigo, trabalhamos diferentes acepções do termo *modalidade*. A janela de Libras é uma *modalidade* de TAVa, ou seja, um tipo de oferta de tradução acessível. (ARAÚJO; ALVES, 2017) Temos o conceito de *modalidade* dentro dos Estudos da Tradução de Línguas de Sinais, que diferencia por quais sistemas físicos ou biológicos de transmissão uma língua se produz foneticamente. As línguas orais e sinalizadas tem modalidades distintas porque enquanto as primeiras dependem de um sistema vocal-auditivo, as últimas se utilizam de um sistema gestual-visual para percepção e produção. (RODRIGUES, 2012) Há o conceito de *modalidade* na teoria da Gramática do Design Visual - GDV como uma das características que podem ser analisadas em textos visuais. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) E por último, podemos citar o conceito de *multimodalidade* no âmbito dos Estudos Linguísticos, que envolve a acepção de que os textos podem apresentar concomitantemente mais de um código semiótico. (KNOLL; FUZER, 2019).

A LSF é encarada como uma teoria semiótica, pois, como delineia Barbara e Macêdo (2009, p. 90), “se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações”. De acordo com Carvalho (2020), a comunicação pode ocorrer através de inúmeros recursos semióticos que abarcam os modos: sonoro, gestual/sinalizado, verbal, imagético entre outros.

Renegociando o conceito semiótico-social da linguagem da LSF, Kress e van Leeuwen (2001) ampliam a análise realizada pela LSF para além da linguagem verbal, em congruência com o aumento substancial dos estudos em multimodalidade, focados na exploração de formas de significação modernas, incluindo os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação. Para Kress e van Leeuwen (2006), a multimodalidade abarca “textos que utilizam mais de um código semiótico, tais como palavras e imagens (estáticas ou em movimento)” (KNOLL; FUZER, 2019, p. 590) e “as experiências dos indivíduos também podem ser apresentadas a partir de uma composição imagética” (SOUSA; SOUSA, 2021, p. 05). Com o intuito de sistematizar uma metodologia para análise de textos multimodais, surge a Gramática do Design Visual (doravante GDV).

A GDV parte do pressuposto que um texto semiótico está inserido dentro de um gênero específico atrelado a um contexto sociocultural e que sua compreensão também está conectada ao gênero no qual o texto está inserido. Segundo Kress (2008, p.107, tradução nossa), “o gênero é essencial em todas as tentativas de compreensão do texto, qualquer que seja sua constituição modal”⁴. Além disso, para Kress e van Leeuwen (1996, 2006), ao analisarmos um texto multimodal, formado por vários produtos, de vários códigos e linguagens, ainda que possamos analisar cada parte que compõe o todo, é vital realizar uma leitura que “torna possível se olhar para toda a página como um texto integrado, com elementos que se integram segundo a lógica da multimodalidade” (SANTOS, 2011, p. 55).

Ademais, para analisar textos multimodais, a GDV se utiliza das metafunções desenvolvidas por Halliday (1985) renomeando-as e ampliando seu escopo para todos os tipos de semiose humana⁵. Knoll e Fuzer (2019) detalham que as metafunções pensadas por Halliday: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* passam a ser chamadas pela GDV de *representacional*, *interativa* e *composicional*, respectivamente.

A *metafunção representacional* analisa a imagem como uma representação de experiências sociais, ou seja, como se representam pessoas, ações, situações e conceitos

⁴ No original: “[...] genre is essential in all attempts to understand text, whatever its modal constitution (KRESS, 2008, p. 107).

⁵ “[...] os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (HODGE; KRESS, 1988, p. 261).

através da imagem. Pode ser dividida entre as categorias de representações narrativas e conceituais. A *metafunção representacional* de estrutura *conceitual analítica*, por exemplo, estabelece que ao visualizarmos uma composição imagética podemos entendê-la através de como seus participantes “são categorizados entre si, por meio de classificações, sendo divididos com base em temas ou características que sejam comuns” (SOUSA; SOUSA, 2021, p. 07).

A *metafunção interativa/interacional* analisa como as relações dos objetos, lugares e participantes estão representados em uma dada imagem e pode também analisar como essa se relaciona com seu espectador. A análise pode ser realizada através das categorias de contato (olhar), de distância social e de perspectiva (graus de articulação e contextualizações), de modalidade (saturação, modulação e diferenciação referentes às cores da imagem). Sob a categoria de *modalidade*, entende-se que é possível controlar aspectos da imagem que codificam o valor de verdade que o produtor deseja que o espectador atribua à imagem ou a qualquer outro modo visual. Kress e van Leeuwen (2006, p. 165) esclarecem que é possível orientar a modalidade sob distintos pontos de vista: *técnico-científico*, *naturalístico*, *sensorial* e *abstrato*. Segundo os autores, num tipo de discurso que pode ser compartilhado por todos os membros da sociedade – o que entendemos que deva ser o alcance de uma obra fílmica – a orientação predominante ao analisar a estética deve ser a *naturalística*. Nesse caso, a definição de realidade se baseia “em quanta correspondência há entre a representação visual de um objeto e o que nós normalmente vemos desse objeto a olho nu” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 158). A *metafunção composicional* analisa como e de quais elementos se compõe a imagem, podendo ser categorizada pelo valor informativo, a saliência e a estruturação (SANTOS, 2011; MARTINS *et al.*, 2014; KNOLL; FUZER, 2019).

Após refletirmos sobre a multiplicidade dos elementos linguísticos e semióticos que circundam os textos multimodais, bem como através de que sistemas podemos analisá-los nos mais diversos gêneros em que ocorrem, cabe conceituar como entender a tradução que é ofertada através de uma janela de Libras sobreposta em uma obra fílmica. Além de adotarmos a perspectiva da GDV para a análise de textos multimodais, compreendemos a tradução também sob a perspectiva de Jakobson (1972, p. 65) acerca da tradução intersemiótica, que consiste “na interpretação de signos verbais por meio de sinais de sistemas de signos não-verbais”. Como exemplo de tradução intersemiótica temos: de um texto para ícones, desenhos, fotos, pintura, vídeo, cinema e outros ou vice-versa. Anjos (2017) trata da aplicabilidade da tradução intersemiótica envolvendo a língua de sinais e o contexto de uma obra fílmica.

O produto da tradução para língua de sinais gera um vídeo, que costuma ser sobreposto à tela da produção original; para tal, o tradutor deve fazer a leitura da obra como um texto multimodal considerando todos os sistemas semióticos inerentes, tais sejam a língua de partida, as imagens, os sons, a movimentação e personagens e a própria movimentação da câmera e a estética de cada filme (ANJOS, 2017, p. 35).

Assim, pensar a janela de Libras envolve partir de um ponto de vista intersemiótico porque o registro dessa produção passa por outras linguagens e, levando em conta que a janela de Libras se sobreporá a uma obra fílmica que também tem natureza intersemiótica (de um texto escrito para uma adaptação cinematográfica), se reafirma a natureza semiótica e multimodal dos elementos envolvidos na oferta da janela de Libras como modalidade da TAVa no gênero fílmico.

A TALS e as normas técnicas de sua oferta

A acessibilidade em língua de sinais no audiovisual é um direito da comunidade surda, estando presente nas principais legislações vigentes, decretos e marcos regulatórios. Até o ano de 2019, a tradução em língua de sinais era comumente nomeada de *janela de Libras* nas principais normativas criadas para regular a acessibilidade para surdos em meios audiovisuais. Dentre elas estão: a Norma da ABNT 15.290 (2005) e a normativa nº 128 da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) (2016).

Além dessas normativas, o Ministério da Cultura (MinC), publicou, em 2016, um *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (NAVES *et al.*, 2016). O volume discrimina quais padrões devem ser respeitados em relação à altura, largura, o recorte, deslocamento da janela. Além disso, enfatiza sobre a técnica *Picture-in-picture* (PIP), também conhecida como sobreposição de vídeos, com a qual é possível adicionar ao vídeo principal a gravação da tradução para Libras. O Guia não traz muitas orientações específicas para o gênero fílmico. Por exemplo, não considera os tradutores terem o mesmo gênero dos personagens, tampouco faz considerações acerca da indumentária de tradutores para obras fílmicas. A única orientação no caso da vestimenta de tradutores em obras de audiovisual é a de usar blusas ou camisetas de cores neutras, sem estampas ou acessórios, e que “pessoas de pele clara usem preto e pessoas de pele escura usem cinza” (NAVES *et al.*, 2016, p. 35-36).

Nascimento e Nogueira (2019) propõem uma nova terminologia para a janela de Libras. Os autores esclarecem que o processo de tradução não se limita apenas ao local onde é ofertado (a janela), mas compreende um processo anterior, de produção, escolhas e pesquisas,

direcionando o tradutor na produção da tradução. A esse processo os autores chamam de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS), termo que adotamos nessa análise.

Neste artigo, focamos especificamente em um tipo de oferta de TALS, em que as pessoas/personagens apresentadas na tela têm suas falas traduzidas para a língua de sinais por mais de um tradutor. Geralmente, o aparecimento do tradutor em tela está conjugado à fala da pessoa/personagem. Se mais de uma pessoa/personagem aparece em tela, mais de um tradutor pode ser apresentado ao mesmo tempo, em lugares distintos, aproximados ao lado, acima, ou abaixo da pessoa/personagem a que se refere a tradução. Esse tipo de oferta é chamada de janela de múltiplos tradutores. Nem as normativas nem o *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (NAVES *et al.*, 2016), mencionam especificamente a janela de múltiplos tradutores. Até o momento, aventamos cinco pesquisas que citam especificamente o tipo de janela de Libras com mais de um tradutor, ainda que nomeada com terminologias distintas: Anjos (2017), Alves e Nogueira (2019), Nascimento *et al.* (2019), Rosado e Taveira (2020) e Nascimento (2021). Para essa análise adotamos a seguinte terminologia: janela com múltiplos tradutores de Nascimento *et al.* (2019). Em publicação de 2021, Nascimento compartilha os resultados de uma pesquisa de recepção em que afirma a preferência desse tipo de janela para a fruição de obras fílmicas por surdos. Por não haver, até o momento, outras pesquisas de recepção acerca das preferências dos surdos em relação à janela de Libras em obras fílmicas, pontuamos que as observações realizadas na análise que faremos a seguir são bem próximas de opiniões.

Percurso metodológico

A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa. A análise realizada é descritiva e orientada a partir da perspectiva da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2001; 2006), tendo como categorias escolhidas nesse recorte: semelhança física entre tradutor e personagem, e indumentária dos tradutores a partir das metafunções *representacional* e *interacional*, respectivamente. Na análise, contribuíram conosco, uma pessoa com deficiência auditiva e uma pessoa surda que assistiram ao filme e compartilharam conosco suas observações.

A obra fílmica escolhida para análise é *A Hora da Estrela*, adaptação cinematográfica do livro de mesmo nome, escrito por Clarice Lispector e lançado em 1977. O livro narra a história de solidão e ilusões da protagonista Macabéa, uma nordestina que se mudou para São Paulo com 19 anos. A adaptação cinematográfica, dirigida por Suzana Amaral, foi lançada em 1985 e se insere na corrente realista. Segundo Barretto (2016, p. 80), o realismo no

audiovisual, “tem como base a aparência da realidade, somada ao movimento e ao som, o que dá uma impressão de realidade no momento de sua fruição” e que majoritariamente estabelece uma relação com o espectador “através de imagens que são capazes de causar uma imersão fenomenológica por parte do espectador” facilitando a construção dos significados e interpretações da história.

Sua versão acessível em Libras foi lançada em 2017, pela produtora e distribuidora de conteúdo de alta qualidade multiplataforma Filmes Que Voam e disponibilizado *on-line* na plataforma *Youtube*. A produção contou com uma equipe de dezesseis tradutores, entre surdos e ouvintes. Em comentário publicado na página da Filmes que Voam no *Facebook*⁶, o diretor Chico Faganello relata o contexto da produção e explica:

Usamos a melhor cópia digital existente na distribuidora, que foi muito sensível e solidária ao ceder sem custos o filme para exibição gratuita para as pessoas com deficiências - estamos trabalhando também na versão com audiodescrição, para cegos. Claro que o ideal seria ter uma digitalização com as tecnologias atuais, inclusive com o som remasterizado, mas os custos são altíssimos. Assim, entre não disponibilizar o filme para cegos e surdos ou usar a melhor cópia existente, escolhemos a segunda opção. E neste e nos próximos filmes, usamos nosso método com vários intérpretes e posições dos tradutores. Logo poderemos assistir outros filmes com diferentes formatos. (FILMES QUE VOAM, 2017).

O formato utilizado pela produtora com múltiplos tradutores era diferenciado para a época. Porém, hoje em dia, segue sendo o formato utilizado nos filmes produzidos pela Filmes que Voam, o que nos leva a crer que as equipes envolvidas nos projetos entendem ser o formato de janela de Libras mais adequado para produções fílmicas.

Assim, a escolha da análise dessa obra se justifica pelo fato de ter sido bastante premiada nacional e internacionalmente⁷, por ter um número de visualizações considerável (mais de 30 mil) em sua versão acessível com janela de Libras, além de disponibilizar um tipo de janela com múltiplos tradutores, o que é objeto de nossa análise.

Optamos por printar as imagens diretamente da tela, pausando o vídeo para captá-las. Não alteramos as cores das imagens para respeitar o contexto estético do filme. Dessa forma,

⁶ Disponível em: <https://www.11nq.com/UMbpP>. Acesso em: set. 2021.

⁷ O filme teve sua *première* no Festival de Cinema de Brasília em 1985, onde levou quase todos os prêmios. Foi exibido no tradicional Festival Internacional de Cinema de Berlim e em Havana, onde também foi premiado. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/hora-da-estrela/curiosidades/>. Acesso em: set. 2021.

o que apresentamos são *frames*⁸ da obra fílmica que chamaremos de imagens.⁹ Segundo Kress e van Leuween, uma imagem pode ser compreendida autonomamente ou em relação com outro texto, “em consonância, complemento, apoio, contraste, repúdio ou reafirmação por exemplo, do que está verbalmente expresso” (KNOLL; FUZER, 2019, p. 590). A partir desse entendimento, analisamos o elemento visual-estético da janela de Libras, entendendo-a como uma imagem que se posiciona, coexiste, se correlaciona, mobilizando outro texto que tem prevalência – a obra fílmica.

O tipo da janela apresentada pelo filme, a janela com múltiplos tradutores, oferece vários tradutores para traduzir os personagens durante a exibição da obra. Ao printarmos cada imagem na tela, *congelando* o momento em que ocorrem, foi possível categorizá-las a partir de critérios técnicos que explicitam como a janela foi empregada. Os critérios escolhidos neste recorte foram o de *semelhança física* entre tradutores e personagens, e a *indumentária* dos tradutores a partir das metafunções *representacional* e *interacional* respectivamente.

Análise

A análise parte das metafunções *representacional* (categoria conceitual analítica) e *interacional* (categoria modalidade) da GDV, estabelecendo a relação que é realizada entre a janela e a obra, entendendo que a leitura deve se debruçar sobre o a obra fílmica sem tradução somada à janela de Libras, formando um novo texto, um produto final distinto sob a perspectiva da multimodalidade.

⁸ “O *frame* (quadro) delimita a superfície da imagem, um espaço plano, bidimensional” (JOURNOT, 2005, p. 127).

⁹ Todas as imagens correspondem à obra disponibilizada pela *Filmes que voam* na Plataforma do *Youtube*.

A semelhança física entre tradutor e personagem

Figura 1 - Imagens em que o mesmo tradutor é utilizado para quatro personagens diferentes



Fonte: Youtube (2017).

A partir da *metafunção representacional* de estrutura *conceitual analítica*, podemos analisar que, na imagem composta entre filme e janela de Libras, os atores do filme em tamanho maior e os tradutores em tamanho menor estabelecem uma relação que pode ser de semelhança e interdependência. Quando observamos a composição geral, é comum estabelecer uma relação de conexão entre eles, entendendo que “exista, pelo menos, um participante fazendo papel de subordinado e pelo menos outro fazendo papel de subordinador” (SILVA; ALMEIDA, 2018, p. 45), o que parece fazer sentido ao pensarmos que a obra fílmica é a parte focal e preponderante e o tradutor está subordinado a ela.

A janela com múltiplos tradutores pode apresentar muitas variações na forma como é oferecida. Em alguns casos, cada personagem pode ter um tradutor diferente traduzindo-o, além disso, pode estar presente a escolha de tradutores que se assemelham aos personagens ou que são maquiados para se tornarem semelhantes a fim de que possa haver um entrelaçamento entre o personagem e o tradutor. São características que aparentemente podem facilitar a especiação, já que o enredo do filme e a tradução que ocorre concomitantemente coadunam no número dos personagens e na diferença entre eles, levando em consideração a característica visual que já está presente na obra, mas principalmente a necessidade da coerência nesse quesito para o surdo espectador.

Porém, a janela com múltiplos tradutores oferecida no filme, conforme explicitado na Figura 1, não apresenta essas características. Os tradutores se repetem ao longo do filme para personagens distintos e não apresentam alguma semelhança física que os aproxime dos personagens. Em muitos casos, inclusive, personagens negros são feitos por tradutores brancos e vice-versa. Em uma obra que depende da coerência estética para a fruição e para o entendimento do enredo, levantamos a hipótese de que a falta de semelhança física pode gerar confusão e maior esforço para os surdos que precisam criar outros tipos de relações para poder conectar o tradutor ao personagem em outros momentos em que ele aparecer na obra. Como pode ser visto na imagem abaixo.

Figura 2 - Na imagem a personagem é negra e a tradutora é branca



Fonte: Youtube (2017).

Outro aspecto analisado nesta categoria é o gênero dos tradutores. Através da *metafunção representacional* de estrutura *conceitual analítica*, percebemos que é importante estabelecer uma relação de similitude entre tradutores e personagens para melhor espectação. Portanto, a escolha da produtora de colocar tradutores com o mesmo gênero (masculino/feminino) dos personagens (Figura 3) pode contribuir em algum grau para isso. É importante pontuar que essa relação diante do quadro geral de múltiplas especificidades visuais (características físicas dos personagens, indumentária, acessórios, trejeitos, expressões, etc.) parece contribuir pouco em um contexto estético que possui inúmeros outros apelos visuais. Parece haver uma relação mais funcional embutida na escolha do mesmo gênero para atores e tradutores, com o objetivo de tornar a espectação mais facilitada, organizando a experiência, embora não necessariamente impactando no aspecto estético em si mesmo.

Figura 3 - Imagens explicitam que os gêneros dos personagens são os mesmos dos tradutores



Fonte: Youtube (2017).

Indumentária dos tradutores

Em relação à indumentária do tradutor, percebemos que ao menos sete cores diferentes de camiseta foram utilizadas (Figura 4), dentre elas o preto e o cinza, mas, não necessariamente obedecendo à orientação do Guia (NAVES *et al.*, 2016), uma vez que pessoas brancas utilizaram outras cores além de preto e pessoas negras utilizaram outras cores que não a cinza, essa constatação contribui para ampliar a orientação do Guia. Lendo a imagem a partir da *metafunção interativa/interacional* categoria *modalidade naturalística*, não encontramos relação imediata de similitude entre a cor utilizada pelo tradutor e a cor do figurino do personagem. Essa escolha parece não estar condicionada à repetição do tradutor, pois mesmo quando o mesmo tradutor era utilizado para personagens diferentes, a cor da camiseta era a mesma (Figura 5).

Essa falta de relação traz uma impressão de aleatoriedade que também não contribui para a mimetização entre a imagem da janela e a imagem do filme. Como preconiza a *metafunção interativa/interacional* orientada pela *modalidade naturalística*, quanto maior a correspondência no uso das cores e da realidade, maior o alcance da imagem entre seu público. Esse aspecto também tem relação com a questão da escolha pela camiseta e não por outro tipo de roupa.

Figura 4 - Cores de camiseta utilizadas pelos tradutores



Fonte: Youtube (2017).

Figura 5 - Cores de camiseta utilizadas pelos tradutores



Fonte: Youtube (2017).

Nesse caso, ampliando o conceito de orientação *naturalística*, quando analisamos separadamente as imagens da obra fílmica e da janela de Libras, podemos perceber semelhanças com a realidade que observamos a olho nu. Porém, se realizarmos uma comparação entre a imagem preponderante da obra fílmica e a imagem coadjuvante do

tradutor, percebemos que resultam ter pouca correspondência estética entre si, podendo gerar um certo estranhamento ao espectador.

Refletindo acerca do objetivo da obra, entendemos que talvez seja importante dar atenção ao figurino para que venha causar a impressão necessária a respeito dos fenômenos e possa proporcionar ao espectador essa construção de sentidos. Se pensarmos que a obra tem uma estética realista e própria da década em que foi filmada, supomos apontar que o uso de tradutores com camisetas de múltiplas cores, que não detém qualquer relação nem de cor, nem de forma com o figurino utilizado no filme, poderá causar ruído à obra. O espectador surdo imerge na experiência quando se fixa na cena e sua espectação de alguma forma pode se interromper ao olhar para o tradutor que não detém as mesmas características estéticas do filme. De modo inegável, a tradução de obras fílmicas tradicionalmente pode e vem sendo ofertada através de janelas de Libras com apenas um tradutor e com vestimenta neutra sem adequação à obra fílmica. O que levantamos aqui é a hipótese de que, em obras fílmicas, janelas com múltiplos tradutores com indumentária que coadune com os personagens interpretados talvez possam trazer maior fruição e imersão estética na obra fílmica.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar a oferta da janela de Libras com múltiplos tradutores na obra fílmica *A Hora da Estrela*. A análise teve como foco especificamente: a *semelhança física* entre tradutor e personagem e a *indumentária* do tradutor a partir das metafunções *representacional* (categoria conceitual analítica) e *interacional* (categoria modalidade).

A análise através da GDV revelou que a escolha por tradutores de mesmo gênero dos personagens gera maior entrelaçamento entre a janela e o conteúdo fílmico e parece ser positiva para a espectação, levando em consideração a opinião prioritária de duas colegas que compartilharam sua experiência enquanto audiência surda. A escolha de tradutores do mesmo gênero parece ser funcional, mas não basta para compor a estética geral entre janela e filme, que poderia ser otimizada se os tradutores tivessem maior semelhança física com os personagens. A escolha de camisetas de várias cores, bem como do problema de não haver troca nas cores quando o mesmo tradutor era utilizado para personagens distintos, segundo os critérios da GDV, criam falta de mimetização entre janela e obra fílmica, o que pode levar a confusão, desconforto ao assistir e pouco engajamento estético entre a janela e a obra fílmica. Evidenciando que foram fatores que causaram ruído à obra. Talvez esse desconforto poderia

ser minorizado se a indumentária dos tradutores fosse semelhante ao dos personagens, gerando harmonia estética e correlação entre tradutor e personagem.

As interlocuções entre os conceitos da GDV com a multimodalidade podem nos dar um olhar diferenciado sobre todo o processo tradutório (TALS) em obras fílmicas. Cabe ao tradutor entender seu papel dentro do contexto maior em que está inserido (FUZER; CABRAL, 2014), dirimindo as demandas linguísticas e estéticas aliadas ao gênero no momento de realizar suas escolhas tradutórias, lembrando que “textos, pertencentes a diferentes gêneros terão características diferentes dependendo dos participantes e da finalidade a que servem” (CARVALHO, 2020, p.19) e que “os aspectos linguísticos e extralinguísticos, que influenciam e/ou interferem no processo tradutório/interpretativo” devem ser considerados (NASCIMENTO, 2011, p. 17). Tradutores de obras fílmicas levam em conta não só critérios técnicos, mas também “as questões artísticas, cinematográficas, multimodais e intersemióticas [...] para que a pessoa surda possa exercer a fruição estética” (ANJOS, 2017, p. 36).

A partir dessa reflexão, podemos pensar na relevância da mobilização de competências e habilidades do tradutor que atua nesses contextos, estando entre elas a capacidade de pesquisar e apreender as intenções linguísticas e estéticas dos autores e diretores das obras fílmicas, algo que está mais facilitado em virtude da tecnologia e da imensa gama de materiais (incluindo vídeos) disponíveis na *internet*. Essa mobilização de habilidades e competências considerando os aspectos inerentes a cada gênero discursivo e para subsequente transposição destas em um novo discurso, unida aos resultados de futuras pesquisas de recepção dos surdos em relação ao melhor tipo de janela a ser ofertada em obras de audiovisual, pode amparar melhores escolhas tradutórias, diversificando o mercado de tradução e trazendo qualidade na fruição dos surdos em obras fílmicas.

Referências

A HORA da Estrela (Versão Libras) [S. l.: s. n.], 2017, 1 vídeo (1h 38min 46s). Publicado pelo canal Filmes Que Voam. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j-q7OIJZSC0&ab_channel=Filmesquevoamhttps://www.youtube.com/watch?v=j-q7OIJZSC0&ab_channel=Filmesquevoam. Acesso em: 7 fev. 2022.

ALVES, T. M.; NOGUEIRA, T. C. Procedimentos e desafios na tradução de curtas-metragens para Libras. In: RIGO, N. S. (org). **Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras** (Volume I), 2019.

ANJOS, R. P. dos. **Cinema para LIBRAS: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) –

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; ALVES, Soraya Ferreira. Tradução audiovisual acessível (TAVA): audiodescrição, janela de LIBRAS e legendagem para surdos e ensurdecidos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, p. 305-315, 2017.

BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. M. de. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. 10 (1), p. 89-107. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9278/8227>. Acesso em: 25 out. 2021.

BARRETTO, A. G. P. **Clarice Lispector da literatura para o cinema: adaptação, narrativa e crítica social em A Hora da Estrela**. 119f. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CARVALHO, M. M. **Análise de traduções para o português escrito por pessoas surdas bilíngues e suas respectivas retextualizações por tradutores de Libras-Português com base na Linguística Sistêmico-funcional e nas modalidades de tradução**. 424f. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

FUZER, C.; CABRAL S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

JAKOBSON, R. [1959] Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1972.

JOURNOT, M. T. **Vocabulário de cinema**. Lisboa: Ed. 70, 2005.

KNOLL, G. F.; FUZER, C. Análise de infográficos da esfera publicitária: multimodalidade e metafunção composicional. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 63, p. 583-608, 2019.

KRESS, G. **Literacy in the New Media Age**. London; New York: Routledge, 2008.

KRESS, G. R.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 1. ed. London and New York: Routledge, 1996.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Imagens: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

MARTINS, N. B.; BORTOLUZZI, V. I.; CRISTINO, J. T. Linguística Sistêmico-Funcional e Multimodalidade: as representações do imaginário em videonarrativa. **Domínios de Linguagem**, v. 8, n. 1, p. 15-33, 2014.

NASCIMENTO, M. V. B. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos**. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos de linguística aplicada**, vol. 56, n.2, p.461-492, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138649203273941>. Acesso em: 25 out. 2021.

NASCIMENTO, V.; FORNARI, R. V.; SEGALA, R. R. Tradução e pesquisa: o uso de questionário bilíngue para o mapeamento da usabilidade e preferência de janelas de Libras na comunidade surda. **Gragoatá**, v. 24, n. 49, p. 647-671, 2019.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução audiovisual e o direito à cultura: o caso da comunidade surda. **PERcursos Linguísticos**, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019.

NAVES, S. B. *et al.* **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura/Secretaria do Audiovisual, p. 85, 2016.

ROSADO, L. A. S.; TAVEIRA, C. C. Soluções visuais atípicas em vídeos digitais em línguas de sinais: proposta de um catálogo para os produtores de vídeo. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 33-1-22, 2020.

SANTOS, F. R. **Multimodalidade e produção de sentidos em editoriais de revistas**. 2011. 195f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2011.

SILVA, M. M. P. da; ALMEIDA, D. B. L. de. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistêmico Funcional. **Revista Odisseia**, v. 3, n. 1, p. 36-56, 2018.

SOUSA, J. S. de; SOUSA, A. C. C. A produção de sentidos em imagens: uma análise das metafunções na campanha “nova pantene”: uma análise das metafunções na campanha “Nova Pantene”. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, v. 10, n. 1, 2021.

SPOLIDORIO, S. Mapeando a tradução audiovisual acessível no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 56, p. 313-345, 2017.

Sobre as autoras

Karina de Souza Borges Lima (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3020-0081>)
Mestranda em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Libras (UCAM). Graduada em Letras/Libras (UFSC).

Márcia Monteiro Carvalho (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6278-2667>)

Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA)/Abaetetuba Pará/Brasil. Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução-PGET/UFSC. Intérprete de Libras- ASTILP.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aprovado em julho de 2022.